

Education
First



www.ef.com.br/epi/

EF EPI

Índice de Proficiência em
Inglês da EF





Introdução

Nunca antes tantas pessoas estudaram inglês

A cada ano, mais e mais falantes nativos de outras línguas estão aprendendo inglês. Em países de todo o mundo, sistemas públicos de ensino ensinam inglês para crianças do Ensino Fundamental ou até da Educação Infantil. As escolas de Ensino Médio estão tornando o inglês obrigatório e incluindo instruções em inglês em suas matérias acadêmicas, mais comumente, Matemática ou Ciências. Um número cada vez maior de universidades exige conhecimento do idioma inglês para admissão ou graduação, e muitas delas oferecem programas de graduação totalmente em inglês para competir com as melhores instituições nos Estados Unidos e Reino Unido. Além de todas as pessoas jovens aprendendo inglês por meio da educação pública, estima-se que o setor privado de ensino de inglês seja um segmento de 50 bilhões de dólares. E a estimativa é de que, em uma década, mais um total de 2 bilhões de pessoas procurará um curso de inglês.

Como avaliamos o sucesso?

Ainda que bilhões de horas e dólares sejam gastos com o ensino de inglês, quase não há avaliação do sucesso desses investimentos. Dentro da comunidade de ensino do inglês, não há consenso sobre as melhores maneiras de avaliar a proficiência em inglês ou, até mesmo, sobre os principais objetivos de se estudar inglês. Mesmo que a maioria dos alunos e professores de inglês concorde que a comunicação é o objetivo principal, é necessário mais empenho para definir competências objetivas e a maneira como cada competência pode ser avaliada.

Padronizando a avaliação da proficiência em inglês entre adultos

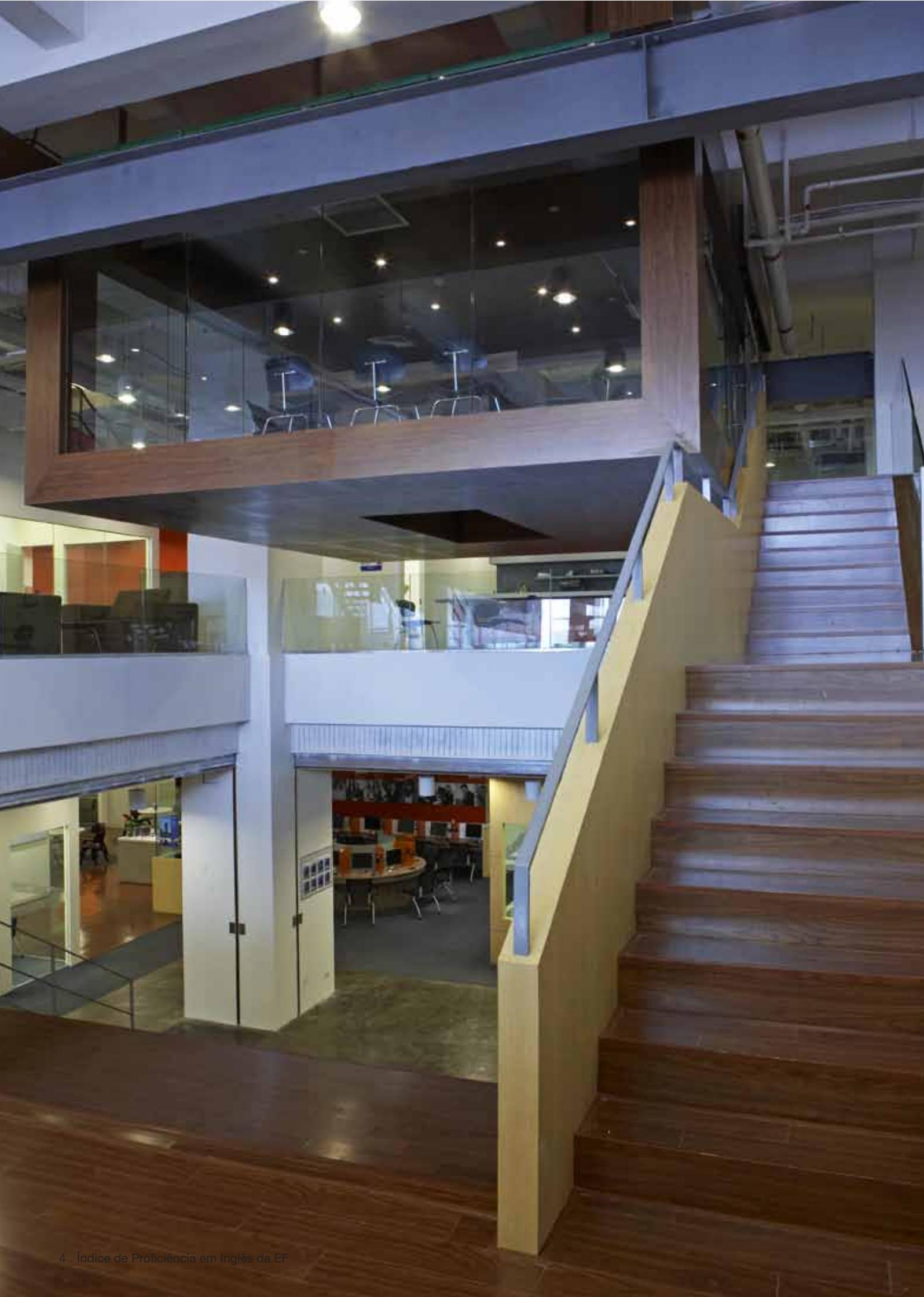
O EF EPI (English Proficiency Index - Índice de Proficiência em Inglês) foi criado nesse contexto como uma avaliação padrão da proficiência em inglês entre adultos, que possibilita a comparação entre países, com o passar do tempo. É o primeiro índice a fornecer a países um parâmetro de comparação, com o qual é possível medir a competência média em inglês da população em geral. O índice usa um conjunto exclusivo de dados obtidos de 2 milhões de adultos que fizeram os testes de inglês gratuitos online, dentro do período de três anos. Como esse grupo de pessoas avaliadas é tão diverso e a dificuldade de se fazer um teste de inglês online é tão baixa, as pontuações resultantes são mais representativas do nível médio de inglês de adultos sem nenhuma preparação específica ou por autoseleção, baseada apenas na intenção de estudar fora. Mesmo que não exista nenhuma garantia de que essa pontuação específica de proficiência corresponda aos objetivos acadêmicos e econômicos definidos por uma nação em particular, o EF EPI fornece uma comparação única e padronizada de proficiência em inglês que é útil para cidadãos e governos, quando se trata de avaliar a eficácia das políticas relacionadas ao inglês em comparação aos seus países vizinhos.

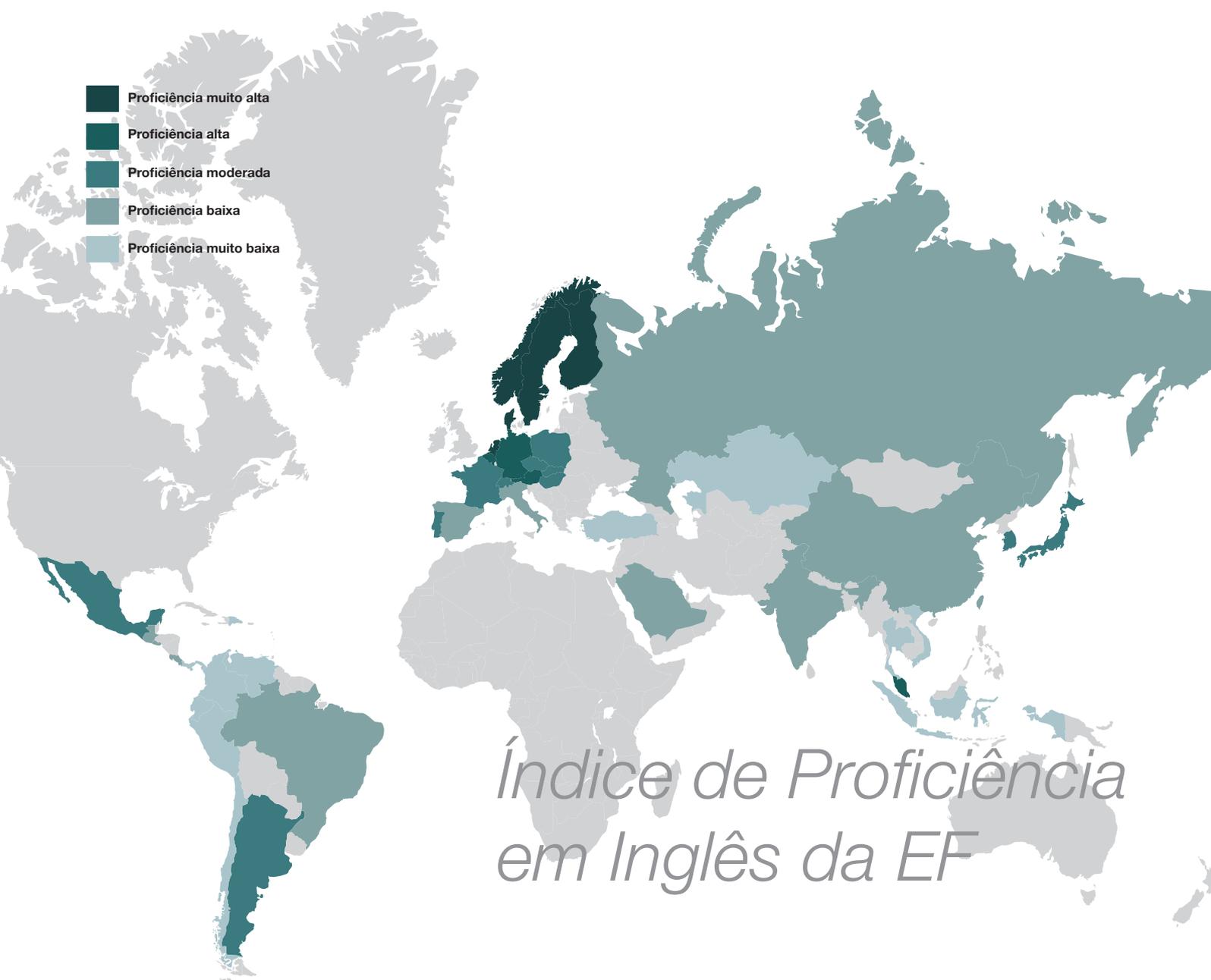
Dois bilhões de pessoas aprenderão inglês na próxima década.

O EF EPI usa pontuações de testes de inglês de mais de dois milhões de adultos do mundo todo.

“Em um mundo onde falar inglês está se tornando uma competência básica, em vez de uma vantagem, o EF EPI se destaca dos testes de língua existentes, por três motivos: foco na habilidade de comunicação, um banco de dados único e padronizado, e a sua disponibilidade através da Internet. Esta é a primeira vez que legisladores, educadores e pesquisadores têm uma ferramenta que permite tomar decisões sobre o ensino de línguas através da comparação entre 42 países e mais de 2 milhões de estudantes. Nos próximos anos, o EPI provavelmente se tornará referência na avaliação internacional de proficiência em inglês.”

Dr. Napoleon Katsos, Napoleon Katsos, Pesquisador Associado Sênior
Centro de Pesquisa de Inglês e Linguística Aplicada da Universidade de Cambridge





Índice de Proficiência em Inglês da EF

Classificação	País	Pontuação do EF EPI	Nível	Classificação	País	Pontuação do EF EPI	Nível
1	Noruega	69.09	Proficiência muito alta	23	Itália	49.05	Proficiência baixa
2	Holanda	67.93	Proficiência muito alta	24	Espanha	49.01	Proficiência baixa
3	Dinamarca	66.58	Proficiência muito alta	25	Taiwan	48.93	Proficiência baixa
4	Suécia	66.26	Proficiência muito alta	26	Arábia Saudita	48.05	Proficiência baixa
5	Finlândia	61.25	Proficiência muito alta	27	Guatemala	47.80	Proficiência baixa
6	Áustria	58.58	Proficiência alta	28	El Salvador	47.65	Proficiência baixa
7	Bélgica	57.23	Proficiência alta	29	China	47.62	Proficiência baixa
8	Alemanha	56.64	Proficiência alta	30	Índia	47.35	Proficiência baixa
9	Malásia	55.54	Proficiência alta	31	Brasil	47.27	Proficiência baixa
10	Polônia	54.62	Proficiência moderada	32	Rússia	45.79	Proficiência baixa
11	Suíça	54.60	Proficiência moderada	33	República Dominicana	44.91	Proficiência muito baixa
12	Hong Kong	54.44	Proficiência moderada	34	Indonésia	44.78	Proficiência muito baixa
13	Coreia do Sul	54.19	Proficiência moderada	35	Peru	44.71	Proficiência muito baixa
14	Japão	54.17	Proficiência moderada	36	Chile	44.63	Proficiência muito baixa
15	Portugal	53.62	Proficiência moderada	37	Equador	44.54	Proficiência muito baixa
16	Argentina	53.49	Proficiência moderada	38	Venezuela	44.43	Proficiência muito baixa
17	França	53.16	Proficiência moderada	39	Vietnã	44.32	Proficiência muito baixa
18	México	51.48	Proficiência moderada	40	Panamá	43.62	Proficiência muito baixa
19	República Tcheca	51.31	Proficiência moderada	41	Colômbia	42.77	Proficiência muito baixa
20	Hungria	50.80	Proficiência moderada	42	Tailândia	39.41	Proficiência muito baixa
21	Eslováquia	50.64	Proficiência moderada	43	Turquia	37.66	Proficiência muito baixa
22	Costa Rica	49.15	Proficiência baixa	44	Cazaquistão	31.74	Proficiência muito baixa

O aprendizado de inglês atualmente

Metade dos funcionários de empresas internacionais usa inglês todos os dias no trabalho.

A importância do inglês como segunda língua

Historicamente, falar outro idioma ou, mais especificamente, falar uma segunda língua bem valorizada sempre foi uma marca da elite social e econômica. Graças ao império britânico e à expansão econômica pós-guerra dos Estados Unidos, o inglês espalhou sua influência em muitos países, substituindo o francês que, antigamente, costumava representar a marca das pessoas bem educadas das classes mais altas. No entanto, a globalização, a urbanização e a internet alteraram dramaticamente a função do inglês nos últimos 20 anos. Hoje, a proficiência em inglês quase não pode ser vista como uma vantagem econômica. E, certamente, não é mais uma marca da elite. Em vez disso, está se tornando cada vez mais uma habilidade básica e necessária. Da mesma forma que a alfabetização deixou de ser um privilégio da elite nos últimos dois séculos para se transformar em um requisito básico para o cidadão bem informado.

O crescente setor de terceirização de processos comerciais depende de muita gente qualificada e fluente em inglês.

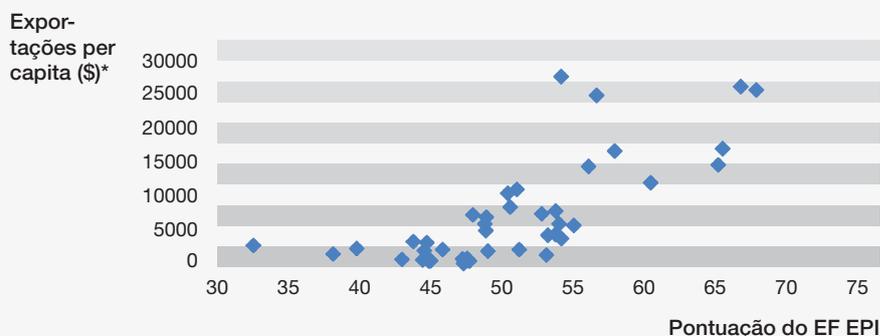
A globalização está conduzindo ao aprendizado de inglês

Uma pesquisa de 2007 com 10 mil funcionários de corporações multinacionais que não nasceram falando inglês indicou que 49% deles usa inglês todos os dias no trabalho. Apenas 9% alegam nunca usar inglês no ambiente profissional. O inglês se tornou o idioma padrão da comunicação, não apenas em negócios internacionais, mas também em quase todo contexto em que duas pessoas não compartilham a mesma língua nativa. Mesmo em

países em que vários idiomas regionais ou tribais coincidem, o inglês serve como uma ferramenta de comunicação comum. Apesar da controvérsia que esse status de língua padrão possa causar, governantes ao redor do mundo cada vez mais reconhecem que a proficiência em inglês é uma habilidade necessária para todos os cidadãos que participam da economia globalizada.

O inglês é a chave para atrair investimento estrangeiro

Depois de custos, o fator mais importante para empresas norte-americanas e inglesas, que estão considerando terceirizar processos de negócios, é o nível de educação da população e a proficiência em inglês. Os países em desenvolvimento, prontos para entrar no boom da terceirização de processos comerciais, reconhecem que produzir um grande número de graduados capazes de se comunicar em inglês é a maneira mais confiável de expandir sua economia de serviços. Uma economia de serviço forte é, por sua vez, essencial para a criação de uma classe média, o que fortalece o consumo e o crescimento da economia nacional. Não é nenhuma surpresa que muitos países em desenvolvimento estão, atualmente, integrando o inglês ao currículo do Ensino Fundamental e até mesmo da Educação Infantil, usando-o como um meio de instrução, e não apenas ensinando inglês como uma língua separada. Cada vez mais, o inglês está sendo incluído em testes nacionais padronizados.



O setor de exportação e a proficiência em inglês demonstram correlação positiva

Países como a França, a Espanha e a Rússia, onde as exportações não desempenham um papel importante na economia, tendem a ter um nível mais baixo de proficiência em inglês. Uma integração econômica fraca não cria incentivos suficientes para desenvolver habilidades em inglês, que são, por sua vez, vitais para a participação na economia mundial.

*CIA World Factbook 2010

Para uma versão interativa deste gráfico, visite www.ef.com.br/epi/ef-epi-ranking/exports-per-capita/

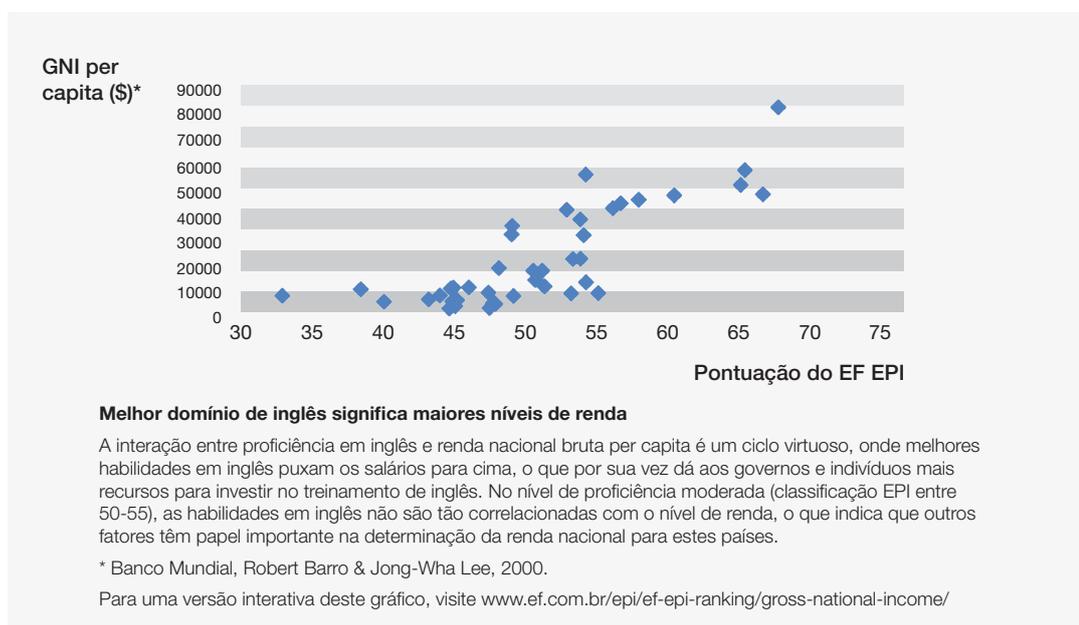
O inglês difunde a inovação

A comunicação internacional entre cientistas e pesquisadores é vital para pesquisas colaborativas e para o compartilhamento de tecnologias entre países. Os pesquisadores nos Estados Unidos publicam um número muito maior de trabalhos científicos por ano, e o Reino Unido está em terceiro lugar em números de publicações, atrás da China. Por outro lado, países com baixa proficiência em inglês demonstram números muito baixos de colaboração internacional em pesquisa. Em 2009, apenas 15% dos trabalhos científicos publicados na China citaram um colaborador internacional, comparados com 45% no Reino Unido e 48% na Alemanha. Essa falta de capacidade de ler as pesquisas realizadas por outros e de colaborar com a inovação internacional é um desafio importante para países com habilidades em inglês fraca, entre os profissionais altamente qualificados.

Poder aquisitivo e o inglês

Apesar do inglês ser um requisito óbvio de determinados tipos de empregos há muito tempo, como diplomacia e tradução, essas habilidades são, hoje em dia, uma vantagem implícita em quase todos os cargos de todos os setores da economia. Recrutadores e gerentes de recursos humanos em todo o planeta afirmam que candidatos com habilidades em inglês acima da média local se destacam e recebem em média salários 30-50% mais altos que candidatos com as mesmas qualificações mas sem domínio do idioma inglês. Numa escala mais ampla, países com nível de renda per capita mais alto também apresentam maior proficiência em inglês. Habilidades em inglês e nível de renda parecem fazer parte de um ciclo virtuoso onde melhor proficiência leva a melhores salários, que por sua vez resulta em maiores investimentos no treinamento de inglês.

Proficiência em inglês demonstra correlação forte com a renda nacional bruta de um país.



Estudo de inglês

Três quartos dos falantes de inglês de hoje não são nativos.

Mesmo em ambientes de total imersão, as crianças precisam de 4 a 7 anos para obter habilidades de inglês de nível nativo.

Cada vez mais, a língua inglesa pertence a falantes não-nativos

Não é surpresa que a teoria de ensino de inglês tenha se desenvolvido nas últimas duas décadas, em conformidade com uma população estudantil em constante mudança. Linguistas e profissionais de ensino de inglês cada vez mais acreditam que a comunicação eficiente é o objetivo final do ensino do idioma inglês e não um padrão inflexível de perfeição gramatical ou pronúncia quase-nativa. Num mundo em que mais de três quartos dos falantes de inglês não são nativos da língua, a propriedade do idioma inglês foi claramente descentralizada dos centros históricos na Inglaterra e nos Estados Unidos. A maior parte da comunicação em inglês hoje em dia é feita entre falantes não-nativos, que normalmente aceitam pronúncia e gramática fora das convenções padrão, desde que a comunicação seja clara. O engraçado é que muitos falantes não-nativos de inglês afirmam ter mais facilidade de se comunicar em inglês com outros falantes não-nativos do que com falantes nativos. Os falantes nativos tendem a ser menos tolerantes em relação a erros, diferenças na pronúncia e na percepção de desvios gramaticais. Eles também são menos habilidosos em conseguir estabelecer uma comunicação eficiente ao se deparar com tais obstáculos.

O aprendizado de inglês possui foco na comunicação e na sua aplicação

Consequentemente, estudos sugerem que o ensino de inglês, em todas as suas formas, precisa se voltar para o ensino de estratégias de comunicação eficazes. E o desempenho do aluno deve ser medido de acordo com esta linha de pensamento. Levará anos até que essa mudança possa se propagar nas salas de aulas e centros de teste no mundo todo, mas os alunos com esse tipo de treinamento, baseado em comunicação, serão mais bem adequados ao mercado de trabalho do futuro, em comparação àqueles que memorizam regras de gramática. Até mesmo nativos da língua inglesa que trabalham em ambientes políglotas podem se beneficiar de treinamentos em táticas para ouvir com mais atenção e de reformulação de frases para obter uma comunicação mais eficaz com falantes não-nativos.

Mitos e verdades sobre idade e aprendizado da língua inglesa

A despeito da idade cada vez mais tenra em que alunos no mundo todo começam a aprender inglês, não há evidência científica de que exista um período ideal para o aprendizado de uma segunda língua. Isso também significa que não existe uma idade-limite, depois da qual aprender idiomas se torna praticamente impossível. As habilidades de aprendizado de idiomas declinam vagarosamente e constantemente com a idade depois de um pico no final da infância; mesmo assim, muitos adultos ainda são extremamente eficazes como estudantes de idiomas. Começar cedo permite, obviamente, mais tempo total de aprendizado do idioma. Contudo, estudos demonstram que crianças mais velhas (entre 8 e 12) aprendem inglês de maneira mais rápida e mantêm sua vantagem até mesmo depois de vários anos de estudo. O desenvolvimento do reconhecimento de padrões e sons, a curiosidade linguística e o elemento lúdico, assim como a consciência metalinguística, são vistos como vantagens da exposição precoce aos idiomas estrangeiros. Esses efeitos não são medidos por testes como os que são usados no EF EPI.

Independente da idade inicial, o consenso geral na comunidade acadêmica é de que, mesmo em situações de imersão total, as crianças precisam de quatro a sete anos para se tornarem tão competentes no inglês acadêmico quanto os seus camaradas mais velhos, e três a cinco anos para ser tão fluentes quanto eles oralmente. No ambiente de imersão parcial, no qual a maioria dos alunos aprende inglês, é necessário ainda mais tempo. Um maior reconhecimento de que a proficiência completa em um idioma é um objetivo de longo prazo ajudaria os alunos a determinar metas realistas para si mesmos e a se comprometer com os programas de acordo com tais metas.



Educação pública e privada

A maioria dos testes de inglês não avalia o objetivo verdadeiro de um estudante: a comunicação bem sucedida.

Os resultados da reforma do ensino de inglês podem levar décadas até serem vistos

O inglês está se tornando cada vez mais parte da educação escolar em todo o mundo, tanto quanto Ciências e Matemática. Políticas em constante mudança sobre a idade inicial do aprendizado de idiomas na última década em algumas ocasiões significaram que alunos de oito e quinze anos começaram a aprender inglês ao mesmo tempo. Tais mudanças de políticas são lentas no que concerne a mostrar resultados entre adultos. Para aqueles que fizeram nosso teste, as políticas de aprendizado de inglês entre 1980 e 2001 são aquelas que mais fortemente impactaram seus anos escolares. Os governos que programam reformas precisam de paciência e dedicação a um objetivo de aprendizado de línguas bem traçado por várias décadas, até que seja possível perceber qualquer aumento mensurável na proficiência em inglês na população adulta.

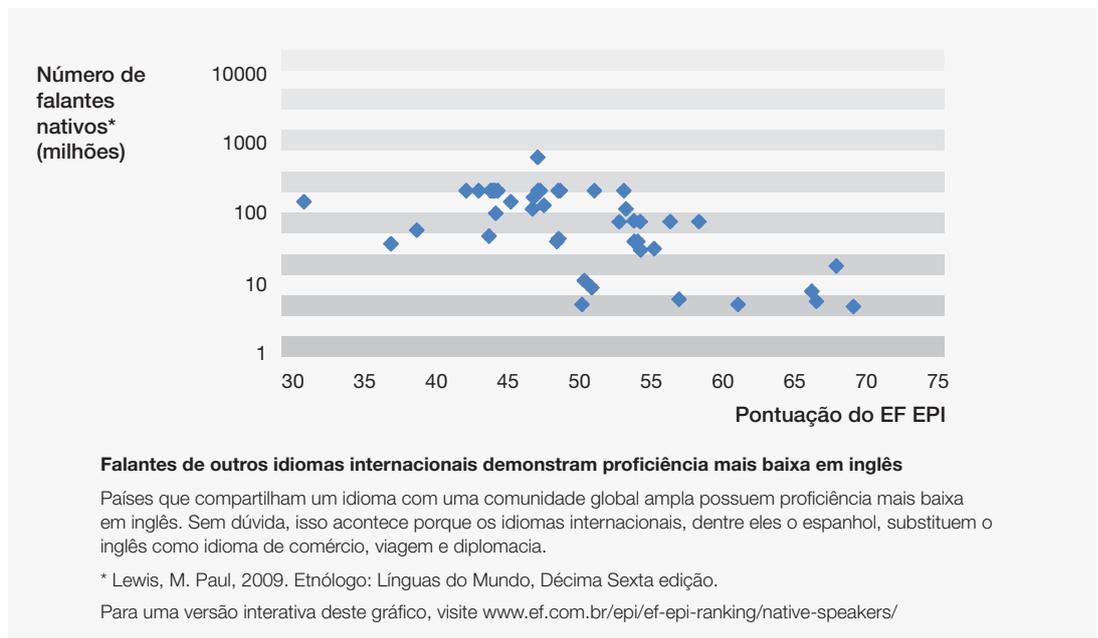
O inglês sincronizado com os idiomas nacionais

Exigir o inglês de todos os estudantes ainda é uma decisão controversa em vários países, devido a outros idiomas nacionais terem prioridade ou à percepção imperialista da dominância global da língua inglesa. Contudo, há pouca evidência para dar suporte a qualquer das duas preocupações. Países multilíngues podem claramente alcançar níveis altos de proficiência em inglês sem sacrificar suas identidades, como, por exemplo, a Finlândia e a Malásia. É cada vez mais difícil dizer se os EUA ou o Reino

Unido estão liderando a expansão atual do inglês. Na última década, o antiamericanismo chegou a níveis recordes desde o fim da segunda guerra mundial. Ainda assim, existem mais provas de que uma economia globalizada exige um idioma compartilhado e o inglês funciona muito bem neste cenário.

Estudantes e adultos estão buscando o ensino privado de inglês

O setor privado de ensino de inglês é enorme e incluiu uma gama enorme de opções de estudo para todas as idades e orçamentos, online e off-line. Pais insatisfeitos com a política de ensino de idiomas das escolas regulares se voltam para cursos em grupo para filhos cada vez mais novos. Adultos que frequentaram a escola em tempos em que o inglês não era tão importante agora frequentam cursos no fim do dia ou online para melhorar suas chances de empregabilidade. Estudantes buscando alcançar notas altas nos exames nacionais do Ensino Médio ou de entrada na universidade passam uma temporada no exterior. Empresas tentando melhorar comunicação interna para aumentar a produtividade treinam seus funcionários. Além de todos esses cursos formais de idioma, muitos sites da web oferecem aulas de inglês, dicas, vídeos e e-mails para serem consumidos individualmente, fora de qualquer programa estruturado de aprendizado de inglês.



A indústria de ensino de inglês precisa de padronização

Aos alunos de hoje, é oferecida uma variedade cada vez maior de métodos de aprendizado, desde o básico, com um professor na lousa, até os programas de aprendizado multi-plataformas, com objetivos bem definidos, personalizados, disponíveis 24 horas por dia, quando o aluno quiser. Historicamente, a maioria dos alunos recebeu educação formal por meio do sistema de escola pública e universidades, e confiou neste sistema para estabelecer objetivos de competência adequados, alinhar métodos de aprendizado e currículo para alcançar tais objetivos, bem como para avaliar o sucesso antes de entregar os diplomas. No setor privado de ensino de inglês, o que os alunos encontram, em vez disso, é uma quantidade assustadora de opções em um mercado fragmentado. A falta de métodos padronizados para descrever a habilidade, a qualidade e os objetivos do aprendizado do inglês, juntamente com a falta de prática dos alunos em estabelecer tais objetivos por si mesmos, leva à perda de tempo e dinheiro em métodos de ensino de inglês que não são comprovados, que têm baixa qualidade ou não atendem às necessidades dos alunos individualmente. Os alunos perdem a motivação desde o começo, pela confusão causada pela diversidade de opções e, com o decorrer do tempo, pela falta da sensação de progresso. Quase não existe orientação disponível de forma personalizada e imparcial.

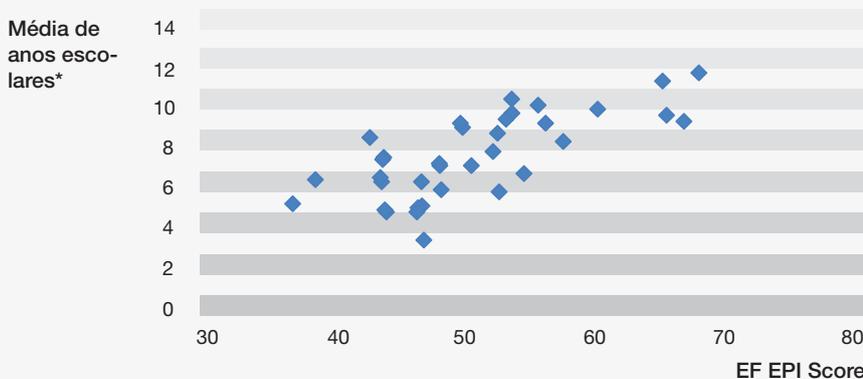
Os testes de competência de inglês atuais se concentram em definições desatualizadas de proficiência

O CEFR (Common European Framework of Reference for Languages ou Quadro Europeu Comum de Referência para Idiomas) é uma tentativa ampla de definir as diferentes habilidades de idiomas de estudantes em diferentes níveis de estudo. Desde sua criação na década passada, a estrutura vem sendo amplamente adotada por professores de idioma do setor público e privado para alinhar os níveis dos cursos. No entanto, o CEFR é apenas um primeiro passo no que seria uma configuração de padrão no ensino de idiomas. São necessárias definições mais detalhadas de níveis de habilidade mais específicos e acompanhamento de ferramentas de avaliação, em particular, aquelas que levam em consideração o pensamento atual sobre a comunicação como objetivo principal no estudo de inglês. Os testes de competência em inglês mais usados atualmente ainda são altamente voltados à antiga noção de proficiência, não estão mais em sincronia com o papel que o inglês ocupa no mundo de hoje, como uma ferramenta de comunicação internacional.

Um padrão mundial relevante e comparável

O EF EPI foi desenvolvido em resposta à clara demanda por uma maneira de comparar a proficiência em inglês entre países. Extraíndo dados de quatro testes feitos com mais de dois milhões de pessoas em 44 países, o EF EPI oferece um insight único no nível de proficiência global em inglês entre adultos.

A indústria privada de ensino de inglês, estimada em 50 bilhões de dólares, é excessivamente fragmentada.



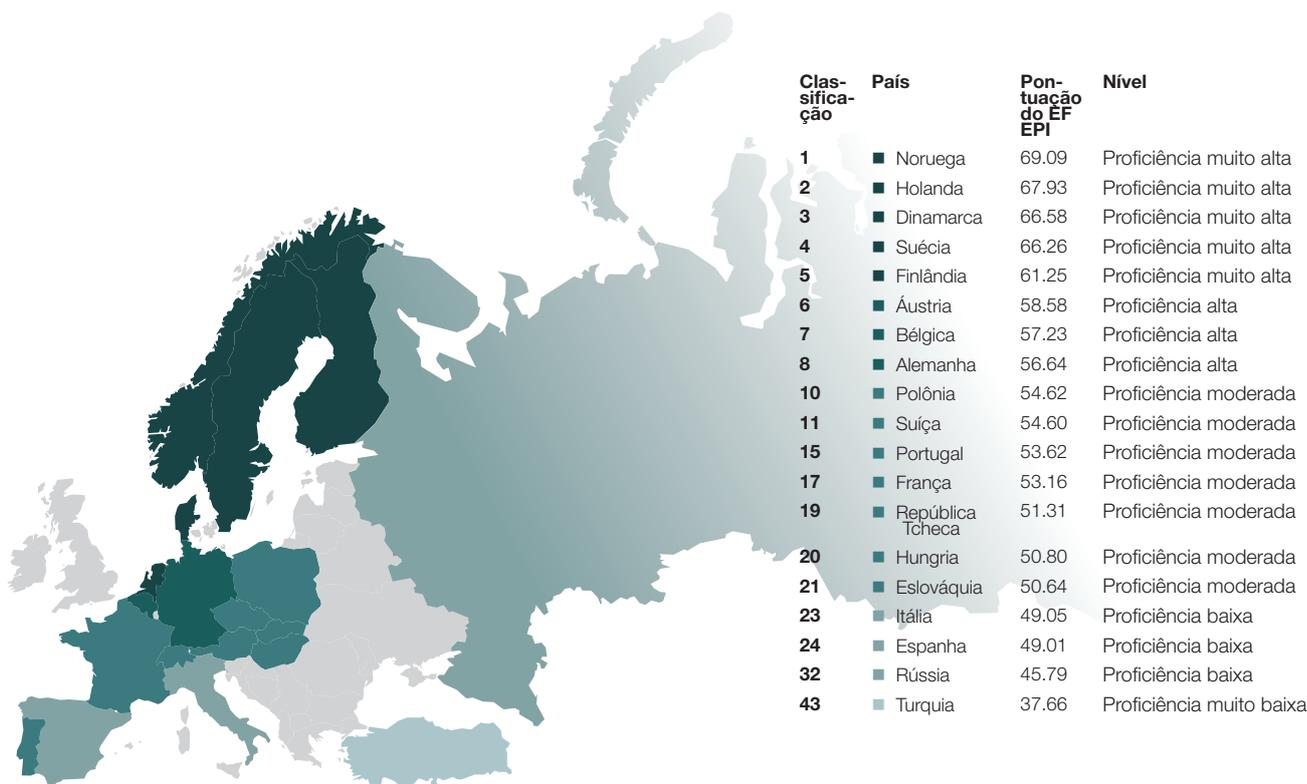
A média de anos escolares está positivamente correlacionada com a proficiência em inglês

Dada a incrível diversidade dos sistemas educacionais entre os variados contextos políticos, econômicos e culturais, existe ainda uma correlação forte entre os anos escolares e a proficiência em inglês. Os países que buscam melhorar sua proficiência em inglês, e os benefícios decorrentes dela, devem manter suas crianças na escola por mais tempo.

* UNESCO Global Education Digest 2004.

Para uma versão interativa deste gráfico, visite www.ef.com.br/epi/ef-epi-ranking/number-of-years-of-schooling/

Classificação da Europa no EF EPI



Os 44 países e territórios representados no índice desse ano ilustram o amplo alcance das habilidades em inglês no mundo todo. A comparação dos países com os seus vizinhos, parceiros comerciais e aliados mais próximos, fornece um estudo fascinante sobre as prioridades nacionais divergentes e as políticas educacionais.

A cultura explícita de poliglotismo da Europa faz com que essa região tenha a proficiência em inglês mais alta.

Europa mostra proficiência forte em inglês

A Europa é notavelmente forte em inglês. Todos os países com maior proficiência em inglês do mundo estão na Europa, com exceção de um. A união europeia possui um objetivo explícito de poliglotismo para todos os cidadãos. Essa afirmação de cultura do poliglotismo é uma força poderosa que impulsiona mudanças nos currículos da escola pública, cultura corporativa e políticas da União Europeia. Hoje, mais de 90% de todos os estudantes na Europa saem dos anos obrigatórios de escola tendo estudado inglês. Além disso, as empresas multinacionais e as fábricas na Europa têm adotado o inglês como seu idioma de trabalho.

Estudantes que começam a estudar inglês mais tarde também podem alcançar uma proficiência muito alta

Na Europa, os países que começam a instrução de inglês em idade precoce, muitas vezes têm muito poucas horas de ensino de língua estrangeira para que isto faça uma diferença mensurável. Embora diversos estudos tenham mostrado os benefícios da exposição precoce a uma língua estrangeira, parece que o número limitado de horas de instrução de inglês para crianças no sistema escolar público da Europa não é suficiente para ter um impacto na proficiência. Por exemplo, entre 1984 e 2000, as crianças começaram a estudar inglês a partir dos 10 e 12 anos na Holanda e na Dinamarca, enquanto na Espanha e Itália, começaram entre 8 e

11 anos. A Espanha e a Itália apresentam os níveis de proficiência de adultos mais baixos na UE, apesar da menor idade de início do aprendizado de inglês. Esta lição é importante para os decisores políticos: a redução da idade inicial de estudo do inglês por si só não irá aumentar a proficiência. A qualidade dos instrutores, seus materiais e métodos de ensino, e o número de horas de exposição ao inglês são muito mais importantes na determinação de quais habilidades os alunos dominam.

Estudar inglês não causa conflito com outros idiomas nacionais.

A presença de outros idiomas nacionais também não causa problemas na proficiência em inglês, conforme demonstrado pela Finlândia, Bélgica e Suíça. Isso deve tranquilizar falantes de línguas regionais preocupados com a competição do inglês por espaços nos currículos. Quando o inglês é claramente definido como um idioma internacional, ele desempenha uma função separada dos idiomas regionais, idiomas nacionais secundários e idiomas regionais, idiomas nacionais e idiomas nativos de imigrantes na sociedade e na construção da identidade pessoal. As discussões começam quando o inglês parece ter prioridade sobre idiomas nacionais. Quando distritos falantes de alemão na Suíça começaram a ensinar inglês aos alunos antes de francês - outro idioma nacional da Suíça - foram iniciados debates nacionais. Contudo, nossos dados mostram que não é necessário conflitos entre o inglês e as línguas locais.

Estabelecer o inglês como a primeira língua estrangeira resulta em maior proficiência

Existe, contudo, uma forte correlação entre o requerimento do inglês como primeira língua estrangeira para todos os estudantes e a alta proficiência no inglês. Apenas a Suécia, a Dinamarca, a Holanda, a Noruega e a Alemanha estabeleceram o inglês como primeira língua estrangeira para 100% dos alunos entre 1982 e 2000. Os outros países estabeleceram que todos os alunos aprendessem outro idioma antes ou permitiram que as escolas ou alunos escolhessem o primeiro idioma.

O nível relativamente menor de proficiência em inglês da Alemanha nesse grupo pode ser explicado de duas formas. Primeiro, até 1989 o inglês era obrigatório como primeiro idioma estrangeiro para todos os alunos apenas na Alemanha Ocidental. Uma parte dos alunos em nossa base pesquisada foi escolarizada na Alemanha Oriental antes de 1989 em sistemas educacionais que não exigiam inglês. Segundo, a Alemanha exige menos tempo de estudo de inglês durante a escola (6-5 anos, se comparado com os 7-10 anos nos países de alta proficiência). Mesmo que não tenhamos encontrado nenhuma correlação entre a quantidade de tempo de estudo de inglês e a proficiência em inglês, existe uma correlação combinada lógica: quando o inglês é obrigatório como primeiro idioma estrangeiro para todos os alunos, a quantidade de tempo de estudo tem impacto sobre a proficiência geral.

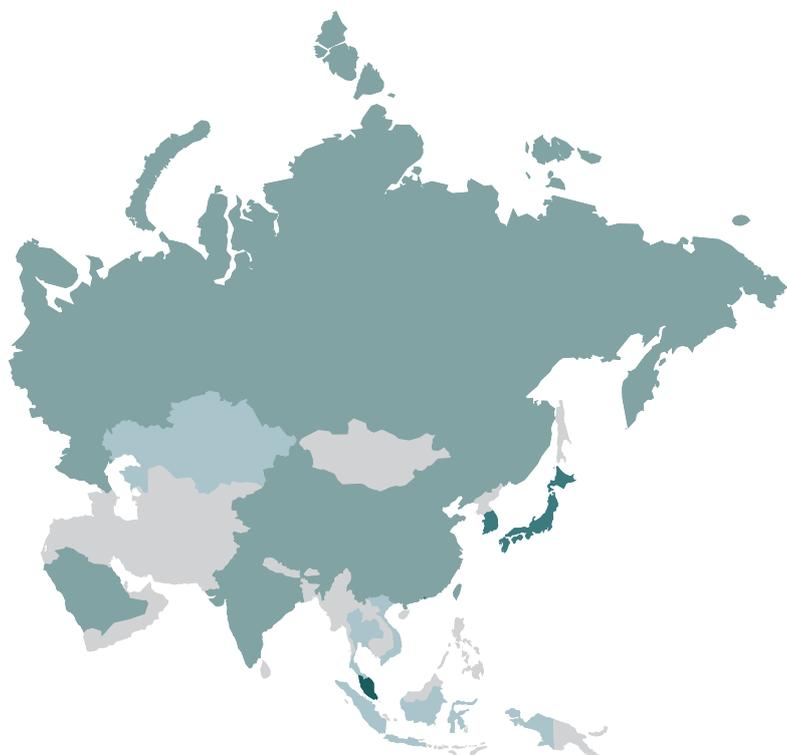
Entendendo a baixa proficiência: Falta de reforma educacional e financiamento

A pontuação de proficiência relativamente baixa da Espanha, para a região em que se situa, é mais fácil de compreender no contexto das vastas reformas educacionais ocorridas nos últimos 30 anos. Em meados dos anos 80, a Espanha era a 45ª nação do mundo em gasto per capita em educação, e estava bem atrás da maioria dos países da Europa Ocidental. As reformas educacionais dos anos 90 e 2000 fizeram com que as crianças espanholas hoje sejam educadas com um padrão alinhado com os países vizinhos. Contudo, o caso da Espanha demonstra que muitos anos são necessários até que a reforma educacional possa ser vista na população adulta como um todo.

A infraestrutura das escolas públicas da Rússia estava muito fraca durante o período em que os participantes do teste frequentavam a escola. No final dos anos 80, 30% dos estudantes estavam frequentando escolas sem água encanada. Milhares de escolas foram conseqüentemente fechadas devido à decadência da infraestrutura, e o resultado foi que, em meados dos anos 90, um em cada dois alunos estava frequentando uma escola que operava em dois ou três turnos para acomodar todos os alunos. O gasto público com a educação em 2005 foi de apenas 3,6% do PNB (Produto Nacional Bruto), o que é significativamente mais baixo que qualquer outro país da UE.



Classificação da Ásia no EF EPI



Classificação	País	Pontuação do EF EPI	Nível
9	Malásia	55.54	Proficiência alta
12	Hong Kong	54.44	Proficiência moderada
13	Coreia do Sul	54.19	Proficiência moderada
14	Japão	54.17	Proficiência moderada
25	Taiwan	48.93	Proficiência baixa
26	Arábia Saudita	48.05	Proficiência baixa
29	China	47.62	Proficiência baixa
30	Índia	47.35	Proficiência baixa
32	Rússia	45.79	Proficiência baixa
34	Indonésia	44.78	Proficiência muito baixa
39	Vietnã	44.32	Proficiência muito baixa
42	Tailândia	39.41	Proficiência muito baixa
44	Cazaquistão	31.74	Proficiência muito baixa

Quando vários idiomas coexistem, o inglês se torna um idioma de ligação, que não pertence a ninguém e é usado por todos.

A Ásia ainda pode melhorar a proficiência em inglês

As pontuações de proficiência em inglês da Ásia mostram que a reputação nem sempre corresponde à verdade. Por exemplo, as pontuações quase que equivalentes entre China e Índia. A despeito de seu legado de colônia britânica e a reputação de nação falante de inglês, a Índia não é, atualmente, mais proficiente do que a cada vez mais desenvolvida China. Na verdade, ainda que seja muito difícil mensurar o número de pessoas que falam inglês em cada país por causa das diferentes definições de proficiência, o British Council estimou que, em 2010, a Índia tinha entre 55 e 350 milhões de falantes de inglês, enquanto um relatório publicado pela Cambridge University Press estimou que a China possui entre 250 e 350 milhões de estudantes de inglês. Parece que a China deve ultrapassar a Índia no número de falantes de inglês nos próximos anos, se já não a tiver ultrapassado.

Taiwan e Hong Kong também têm pontuações menores que o esperado. Ambos os países mostram que apenas desenvolvimento econômico e gastos em educação não resultam em altos níveis de proficiência em inglês.

Japão, Coreia do Sul e Hong Kong têm uma população muito bem educada e uma forte

história confuciana que valoriza a educação. É interessante notar que os três territórios têm políticas educacionais e histórias de contato com a língua inglesa muito diferentes. Apesar do laço histórico entre Hong Kong e o Reino Unido, e o status oficial do inglês como um idioma da vida pública e governamental, não há nenhum avanço significativo de proficiência em inglês em relação aos adultos das regiões vizinhas. Uma grande ênfase foi dada ao estudo de inglês na Coreia e Japão, ambos no sistema de escola pública e nos milhares de institutos privados de ensino de inglês nesses países. A Coreia e o Japão também criaram laços com um país falante de inglês no século passado, mas esses laços foram mais curtos e dispersos.

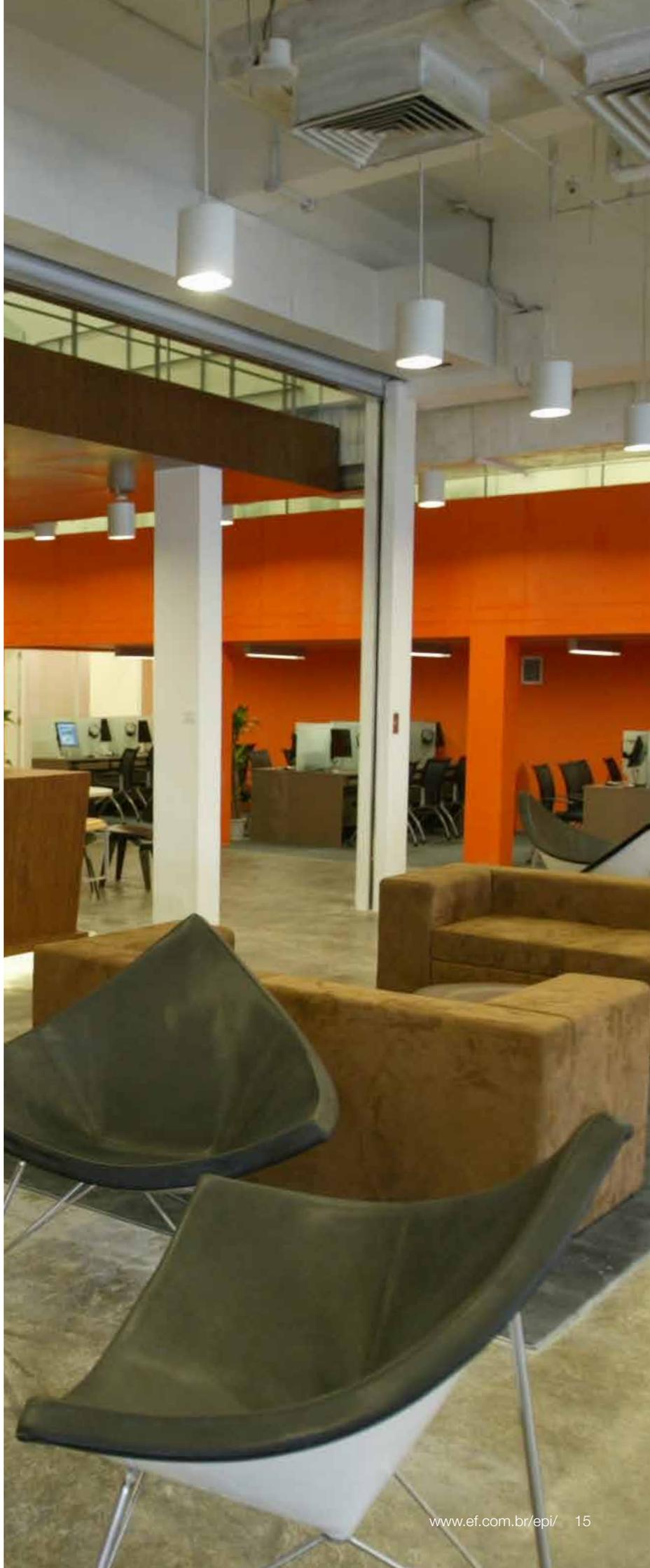
O inglês serve como uma ponte entre as comunidades linguísticas

A Malásia, o país de maior proficiência na Ásia e o único país de alta proficiência fora da Europa, é um excelente exemplo de como o inglês pode ser usado para construir pontes linguísticas entre as diferentes comunidades dentro de um mesmo país. A Malásia tem grandes comunidades chinesas e indianas, além da maioria malasiana, cada uma dessas comunidades com suas próprias tradições e idioma. Há tempos o inglês é uma matéria obrigatória

para todos os alunos, começando no Ensino Fundamental. A proficiência em inglês é testada no fim do Ensino Fundamental e novamente no fim do Ensino Médio de acordo com o British 'O' level system. Na Malásia, o inglês é considerado um idioma compartilhado entre as comunidades, não sendo específico de nenhuma das três, assim como um meio internacional de comunicação.

A China irá precisar de um rápido aprendizado de inglês

A China está tentando realizar uma tremenda façanha linguística. Está ao mesmo tempo incentivando os cidadãos a aprender mandarim, como idioma compartilhado nacional, e impulsionando o aprendizado de inglês com o objetivo de aproveitar sua posição global atual. Mais pessoas estão aprendendo inglês na China do que em qualquer outro país. A pontuação do EF EPI mostra que a China ainda tem muito que fazer antes de se considerar um país proficiente em inglês. Mas o governo tem demonstrado grande motivação tanto no ensino infantil nas escolas públicas como na recapacitação de adultos, em particular aqueles no setor público. A China usou as Olimpíadas de Beijing em 2008 e a World Expo de Xangai em 2010 para estabelecer objetivos detalhados para funcionários dos diferentes setores públicos, e também usou estes eventos para estabelecer prazos para corrigir avisos em inglês em lugares públicos como toaletes e cardápios de restaurantes. Da mesma forma que a China está impulsionando a economia da sua região, sua habilidade de se comunicar em inglês irá pressionar todos os países vizinhos a manter o mesmo ritmo.



Classificação da América Latina no EF EPI



Classificação	País	Pontuação do EF EPI	Nível
16	Argentina	53.49	Proficiência moderada
18	México	51.48	Proficiência moderada
22	Costa Rica	49.15	Proficiência baixa
27	Guatemala	47.80	Proficiência baixa
28	El Salvador	47.65	Proficiência baixa
31	Brasil	47.27	Proficiência baixa
33	República Dominicana	44.91	Proficiência muito baixa
35	Peru	44.71	Proficiência muito baixa
36	Chile	44.63	Proficiência muito baixa
37	Equador	44.54	Proficiência muito baixa
38	Venezuela	44.43	Proficiência muito baixa
40	Panamá	43.62	Proficiência muito baixa
41	Colômbia	42.77	Proficiência muito baixa

Baixos índices de frequência e má qualidade das escolas colocam a América Latina na lanterna das classificações regionais.

Uma educação básica reforçada para todos os cidadãos é pré-requisito para a proficiência em inglês.

O espanhol funciona como um idioma internacional na América Latina

A América Latina é a mais fraca entre todas as regiões, com uma pontuação média de proficiência que quase não ultrapassa o valor mínimo exigido. Em parte, isso se explica pela importância do espanhol na região. Um idioma compartilhado já permite atividades de comércio internacional, diplomacia e viagens, o que diminui a motivação para aprender inglês.

Uma educação primária pública deficiente reduz o índice de proficiência

A baixa qualidade da educação pública em toda a América Latina, muitas vezes associada às baixas taxas de escolaridade, explica bem mais que o desempenho pouco satisfatório da região em inglês. Em 1999, uma força-tarefa reportou que metade dos alunos que ingressaram nas escolas públicas na América Latina não completou o Ensino Fundamental, e que apenas um em cada três alunos elegíveis chegou a frequentar o Ensino Médio. Se comparada à taxa de 95% de conclusão do Ensino

Fundamental na Malásia, a diferença é estarrecedora.

E aqueles que recebem educação pública geralmente obtêm ensino de baixa qualidade, o que os deixa despreparados para um mercado de trabalho globalizado. Durante os anos 90, vários relatórios e testes internacionais estabeleceram que a qualidade da educação na América Latina estava bem abaixo dos países com níveis comparáveis de desenvolvimento em outras partes do mundo.

Entendendo uma proficiência mais alta:

Altas taxas de matrículas nas escolas públicas são essenciais para a proficiência

O Brasil e a Argentina tiveram as maiores taxas de matrículas entre 1984 e 2001. O Brasil mostrou melhora meteórica na taxa de matrículas durante este período, saindo de 62% de escolarização em 1984, um dos níveis mais baixos da região, para 90% em 2001, o melhor na América Latina. Contudo, para o período em que nossos participantes estavam em idade escolar e frequentavam o sistema público, as taxas de escolarização do Brasil eram extremamente

baixas. Claramente, o nível geral de educação da população é fator determinante na habilidade e prioridade dada ao aprendizado de inglês.

Laços econômicos e sociais com países falantes de inglês influenciam na proficiência

Guatemala e México, os outros dois países da região com algum nível de proficiência em inglês, têm a mesma possibilidade de se beneficiar dos laços fortes que mantêm com os Estados Unidos devido à imigração. Entre 1990 e 1999, quase 30% de todos os imigrantes legais nos Estados Unidos veio do México, de longe a maior porcentagem oriunda de um único país. Alguns destes imigrantes permanecem nos Estados Unidos, aumentando assim os laços pessoais entre as crianças nascidas nos Estados Unidos, falantes nativas de inglês, e os membros das famílias que permaneceram em casa. Outros retornam aos seus países, trazendo o inglês para suas comunidades. Em ambos os casos, laços fortes de imigração com um país falante de inglês pode claramente influenciar positivamente a proficiência em inglês, mesmo que esta influência não seja forte o suficiente para resultar em alta proficiência entre a população adulta em geral.





Conclusões

A necessidade de proficiência em inglês em uma economia globalizada

A habilidade de se comunicar em inglês está rapidamente se tornando um requisito da economia globalizada. As vantagens decorrentes da proficiência em inglês para aqueles que adotaram o idioma cedo já não estão mais em alta e estão sendo substituídas por desvantagens econômicas para aqueles que não falam inglês. Os governos e as pessoas reconhecem esta tendência e estão impulsionando a explosão de aprendizado do idioma inglês, que tem sido vista na última década.

Mas, mesmo com o crescimento explosivo, poucos dados estão disponíveis para avaliar o desempenho destes países na busca pela proficiência em inglês. O EF EPI nos permite tirar algumas conclusões sobre como encorajar a proficiência em inglês:

- Colocar todas as crianças na escola e dar a elas uma educação condizente com os padrões globais atuais.
- Ensinar inglês em escolas públicas como idioma obrigatório para todos os alunos, a partir de 12 anos. Esse aprendizado deve continuar durante todo o Ensino Médio e na educação profissional e universitária.
- Incentivar uma cultura de poliglotismo. Quanto mais famílias e governos impulsionarem a expectativa de que todos devem falar mais que um idioma, mais crianças irão esperar isso de si mesmas. Essa cultura do poliglotismo é difícil de definir, mas fácil de reconhecer. Os visitantes percebem isso imediatamente na Escandinávia e em outros países de proficiência alta. Um indicador confiável de uma forte cultura nacional de proficiência em inglês é um chefe de Estado que faz aparições públicas em inglês no exterior, fazendo discursos e falando para a mídia nesta língua internacional.
- Reconhecer que muitos adultos não tiveram educação em inglês na escola pública. Entre os adultos sob pressão econômica, a demanda pelo aprendizado do inglês já é alta. Eles precisam de caminhos mais acessíveis para o aprendizado da língua e de objetivos realistas que levem em consideração os anos necessários para aprender um idioma estrangeiro. Programas de aprendizado no local de trabalho de longo prazo e bolsas de estudo podem ser estratégias eficientes. Os governos podem exercer uma influência especial

sobre os funcionários do setor público, que na maioria dos países representam mais de 10% da força de trabalho.

- Ensinar habilidades e estratégias de comunicação para alcançar entendimento quando a comunicação for quebrada. Para obter o máximo de benefício do tempo gasto estudando inglês, os alunos e os professores devem dar prioridade à comunicação e não à perfeição gramatical. Muitos adultos que estudaram em um contexto de ESL mais tradicional ainda precisam de mais prática de fala e leitura.
- Desenvolver métodos de avaliação de proficiência mais robustos e padronizados para reconhecer e premiar habilidades de comunicação eficientes em detrimento do aprendizado desuniforme e da perfeição gramatical. A concepção e a adoção destas avaliações padronizadas irão reduzir a frustração dos estudantes e conduzir a um ensino de idiomas de melhor qualidade tanto no setor público quanto no privado.

Testes internacionais de proficiência em inglês

Os testes internacionais de proficiência em inglês não revelam apenas uma medida comparativa dos diferentes sistemas educacionais e sua eficácia. Também encorajam discussões sobre padrões de avaliação e objetivos de aprendizado. Assim como os testes TIMSS e PISA, que comparam as habilidades de leitura, ciência e matemática, entre crianças em idade escolar ao redor do mundo, o EF EPI tem como objetivo comparar a proficiência de adultos em inglês em uma escala global. Saudamos as outras entidades com dados sobre aprendizado de inglês ao redor do mundo para se juntar ao nosso debate, com esperança de que possamos melhorar a eficiência e a eficácia do estudo do inglês para centenas de milhões de pessoas em todo mundo, que estão atualmente aprendendo a falar inglês.

São necessários métodos mais robustos e padronizados de avaliação para que habilidades de comunicação se sobreponham à perfeição gramatical.

Sobre o Índice

Esta é a primeira edição do Índice de Proficiência em inglês da EF. Nossa intenção é divulgar relatórios constantemente atualizados, acompanhando as mudanças globais da proficiência em inglês nos próximos anos.

Teste

O EF EPI calcula o nível de habilidade na língua inglesa, a partir de dados de quatro testes de inglês diferentes, realizados por centenas de milhares de adultos todos os anos. Dois dos testes estão disponíveis online gratuitamente para qualquer pessoa. Os outros dois são testes de nível de inglês online usados pela EF, no processo de inscrição, antes do início do curso de inglês. Todos os quatro testes incluem seções de gramática, vocabulário, leitura e audição. Um dos testes é um exame adaptativo de 30 perguntas, de modo que cada pergunta é ajustada a um grau de dificuldade de acordo com as repostas corretas ou incorretas respondidas anteriormente. Os três testes não-adaptativos variam entre 60 e 80 perguntas. Todas as pontuações dos testes foram validadas de acordo com os níveis dos cursos da EF. A administração do teste é idêntica. Todos os alunos realizam o exame em seu próprio computador em casa. Não há incentivo para que os alunos tentem aumentar sua pontuação nesses testes, colando ou forjando resultados, já que os mesmos não resultam em certificação ou admissão em um determinado programa.

Participantes

O EF EPI foi calculado usando dados combinados de participantes entre 2007 e 2009. Foram incluídos os resultados dos testes de 2.368.730 participantes em 42 países e dois territórios. Dados demográficos não foram recolhidos. Apenas países com um mínimo de 400 participantes foram incluídos no índice. Países com menos de 100 participantes por teste em dois ou um dos testes também foram excluídos, independente do número total de participantes.

Reconhecemos que o total de participantes representado nesse índice é de voluntários que se selecionaram por conta própria e que não há garantia de representar um país como um todo. Apenas as pessoas que desejam aprender inglês ou estão curiosos sobre suas habilidades de inglês fariam um desses testes. Além disso, como os testes são online, as pessoas sem acesso à internet ou que não estejam acostumadas com aplicativos online são automaticamente excluídas. Esses fatores levam a uma pontuação mais alta do que aquela da população geral, excluindo pessoas de menor poder aquisitivo, menos educadas e menos privilegiadas.

Cálculo da pontuação

Para calcular a pontuação de cada país no EF EPI,

todas as pontuações foram normalizadas com o objetivo de obter um percentual correto para cada teste, de acordo com o número total de perguntas. Depois, foi tirada a média de todas as pontuações de um país para os quatro testes, dando pesos iguais a cada um deles.

Cada país é associado a um grupo de proficiência de acordo com sua pontuação. Esses grupos de proficiência permitem o reconhecimento de países com níveis parecidos de habilidades de inglês, assim como a comparação entre as regiões. As notas-limites para os grupos de proficiência foram determinadas de acordo com os padrões de avaliação de proficiência em inglês da EF, com base em nossos mais de 40 anos de experiência de ensino da língua inglesa. Os níveis dos cursos da EF passaram por uma pesquisa independente da Cambridge University ESOL e seguiram rigorosamente as diretrizes do CEFR (Common European Framework of Reference for Languages – Quadro Europeu Comum de Referência de Idiomas).

EF Education First

A EF Education First (EF) foi criada em 1965 com a missão de derrubar barreiras linguísticas, culturais e geográficas. Com 400 escolas e mais de 15 milhões de estudantes, a EF se especializa em cursos de idiomas no exterior, formação acadêmica, viagens educacionais e intercâmbio cultural.

A EF English First e a EF EnglishTown são divisões da EF Education First, comprometidas com o ensino de inglês em todo o mundo. Além de ter ajudado 1200 empresas através do ensino de inglês, a EF foi fornecedora de ensino de idiomas oficial das olimpíadas de Beijing e está ajudando o Brasil a se preparar para a Copa do Mundo de 2014. Para obter mais informações, visite www.ef.com.br/epi/ e www.englishtown.com.br

Contato para a mídia

Envie um e-mail em inglês pr.brazil@ef.com ou entre em contato pelo telefone +55 11 4085-1570, caso tenha algum comentário ou dúvidas.

Referências

Agradecimentos especiais a Kate Bell, Eric Feng, Dr. Christopher McCormick, Ming Chen, Ku Chung, Britt Hult

- Canagarajah, A.S. *Resisting Linguistic Imperialism in English teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- Carnoy, M. "Globalization and Educational Reform: what planners need to know," *Fundamentals of Educational Planning*. Paris: UNESCO, 1999.
<http://www.uned-illesbalears.net/esp/desarrollo2.pdf>
- CIA. "The World Factbook", 2010.
<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/index.html>
- Crystal, D. *English as a Global Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- Collier, V.P. "The Effect of Age on Acquisition of a Second Language for School", *New Focus, the National Clearinghouse for Bilingual Education*, 1988, Number 2.
http://www.thomasandcollier.com/Downloads/1988_Effect-of-Age-on-Acquisition-of_L2-for-School_Collier-02aage.pdf
- Council of Europe. "Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment". Cambridge University Press, 2001.
- Country Statistical Profiles. OECD Stat Extracts, 2009.
<http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=CSP2009>
- Curtis, G. E. ed. *Russia: A Country Study*. Washington: GPO for the Library of Congress, 1996.
<http://countrystudies.us/russia/>
- Eurydice. "Key Data on Teaching Languages at School in Europe". Brussels: Eurydice European Unit, 2008.
http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/key_data_series/095EN.pdf
- Global English Corporation. "Globalization of English 2007 Report", 2007.
<http://www.globalenglish.com/m/dl/whitepapers/GlobalizationResearch.pdf>
- Graddol, D. "English Next". London: British Council, 2006.
<http://www.britishcouncil.org/learning-research-english-next.pdf>
- Graddol, D. "English Next India". London: British Council, 2010.
<http://www.britishcouncil.org/learning-english-next-india-2010-book.htm>
- Ha, P. L. "Toward a Critical Notion of Appropriation of English as an International Language", *Asian EFL Journal*, Volume III, Issue 3, Article 3. 2005.
http://www.asian-efl-journal.com/September_05_plh.php
- Hakuta, K., Goto Butler, Y., & Witt, D. "How Long Does It Take English Learners to Attain Proficiency?", *University of California Linguistic Minority Research Institute Policy Report*, 2000-1.
<http://www.stanford.edu/~hakuta/www/research/publications/%282000%29%20-%20HOW%20LONG%20DOES%20IT%20TAKE%20ENGLISH%20LEARNERS%20TO%20ATTAIN%20PR.pdf>
- Hakuta, K. "A Critical Period for Second Language Acquisition?", In D. Bailey, J. Bruer, F. Symons & J. Lichtman (eds.), *Critical Thinking about Critical Periods*. (pp. 193-205). Baltimore: Paul Brookes Publishing Co., 2001.
<http://www.stanford.edu/~hakuta/www/research/publications/%282001%29%20-%20A%20CRITICAL%20PERIOD%20FOR%20SECOND%20LANGUAGE%20ACQUISITION.pdf>
- Hudson, R. A., ed. *Brazil: A Country Study*. Washington: GPO for the Library of Congress, 1997.
<http://countrystudies.us/brazil/>
- Human Development Index Trends (1980-2007) United Nations Development Program.
<http://hdr.undp.org/en/statistics/data/motionchart/>
- Jenkins, J. *The Phonology of English as an International Language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- Lewis, Paul. *Ethnologue: Languages of the World*, 16th edition, 2009.
<http://www.ethnologue.org>
- McKay, S. L. *Teaching English as an International Language: rethinking goals and approaches*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- Moloney, A. "Colombia training targets poor", *Guardian Weekly*, July 22, 2005.
<http://www.guardian.co.uk/education/2005/jul/22/tefl>
- Programme for International Student Assessment (PISA), "The High Cost of Low Educational Performance", OECD, 2010.
<http://www.oecd.org/dataoecd/11/28/44417824.pdf>
- SCImago Journal & Country Rank. "International Science Ranking", SCImago Lab 2009.
<http://www.scimagojr.com/countryrank.php>
- Seidlhofer, B. "A Concept of International English and Related Issues: From 'Real English' to 'Realistic English'?" *Strasbourg: Language Policy Division, DG IV – Directorate of School, Out-of-School and Higher Education, Council of Europe*, 2003.
<http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/seidlhoferen.pdf>
- Smith, M. "Educational Reform in Latin America: Facing a Crisis". *The International Development Research Centre*, February 19, 1999.
http://www.idrc.ca/en/ev-5552-201-1-DO_TOPIC.html
- Solsten, E. and Meditz, S. W., ed. *Spain: A Country Study*. Washington: GPO for the Library of Congress, 1988.
<http://countrystudies.us/spain/45.htm>
- Strebel, Etienne. "Early English helps Swiss children learn French". *Swissinfo*, Apr 10, 2009.
http://www.swissinfo.ch/eng/Early_English_helps_Swiss_children_learn_French.html?cid=7330574
- Svartvik, J. & Leech, G. *English: One Tongue, Many Voices*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- UNESCO "The Education For All by 2015 Global Monitoring Report", Oxford: Oxford University Press, 2008.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001547/154743e.pdf>
- UNESCO "The Global Education Digest 2004: Comparing Education Statistics" Across the World
http://www.unesco.org/education/docs/EN_GD2004_v2.pdf
- United States. Department of Homeland Security. *Yearbook of Immigration Statistics: 2008*. Washington, D.C.: U.S. Department of Homeland Security, Office of Immigration Statistics, 2009.
http://www.dhs.gov/xlibrary/assets/statistics/yearbook/2008/ois_yb_2008.pdf
- World Bank World Development Indicators 2008.
<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GNP.PCAP.CD>